

Amazônia: mito e história.

Sirlei Aparecida Silveira.

Cita:

Sirlei Aparecida Silveira (2007). *Amazônia: mito e história*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/916>

Sirlei Silveira¹

[...] é de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida (...) do alvorecer do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos [...].

Tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta. (E. Cunha, 1986, p. 27).

A Amazônia apresenta-se no imaginário popular como sendo aquela região recortada por grandes rios e densas florestas – a *Hylaea Encandadora*, de Alexander von Humboldt; *A Selva*, de Ferreira de Castro. É, também, a terra “À margem”, “sem história”, de Euclídes da Cunha; o *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, dentre outros. Não estamos aqui relembrando, simplesmente, títulos e autores de obras consagradas, mas, retomando imagens emblemáticas cunhadas na tentativa de explicar e categorizar um espaço revelado como prodigioso e infernal ao mesmo tempo, ainda desconhecido de muitos quer em seus aspectos físicos, quer em seus aspectos culturais.

Decifrar essa terra coberta por florestas e rios encharcados de estranhezas e mistérios é sempre um desafio renovado, uma vez que a *Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante*,² como afirmou o próprio Euclídes da Cunha. Visitá-la, conquistá-la e colonizá-la tem se constituído, ao longo de mais de cinco séculos, no desejo e realização de corajosos expedicionários, “veneráveis bispos”, “garbosos capitães-generais”, “lúcidos cientistas”, aguirres e quixotes de todos os matizes.

A continentalidade e a exuberância das terras amazônicas associadas à diversidade de seus povos e culturas ancestrais despertaram, e continuam despertando, encantos e perplexidades, mesmo nos dias de hoje quando se faz rastreada por inúmeros “sivans” espalhados pelo seu vasto território. Tais características sugerem sempre um lugar a ser descoberto, conquistado e colonizado por parte daqueles que se vêem integrados ao mundo da cultura em oposição ao mundo da natureza, lido sob a ótica da incompletude, da não

¹ Professora do Departamento de Sociologia e Ciência Política /IHS/UFMT. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP.

² Euclídes da Cunha. **Terra Sem história**. In: *Paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p.33

realização, do vir a ser. Como bem assinalou Foot Hardman, em sua interpretação dos escritos euclidianos, a Amazônia consiste em uma

[...] comunidade fugazmente imaginada, onde a história não conseguiu fixar marcas simbolicamente eficazes, isto é, agregadoras, predominando ainda, nessa visão, cenários de geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas [...].³

Essa é a imagem recorrente na representação do espaço amazônico, evocada não apenas por Euclídes da Cunha, sob o emblema do Paraíso Perdido.

As considerações anteriores revelam que são muitas as dimensões da história da Amazônia a ser recuperadas e debatidas, particularmente a relação entre seus mitos fundadores e os aspectos mais visíveis no tocante a conquista de suas terras e gentes. Nesse cenário o fantástico chama a atenção de todos e se entrelaça com o real. Está nas narrativas dos viajantes, dos missionários, dos cientistas e conquistadores de toda ordem. Difícil libertar-se dele. A paisagem dominada pelo grande rio se funde e confunde-se com a floresta e com os homens que nela vivem, a exemplo do que confessou Frederico Hartt,

[...] É que o grande rio, malgrado a sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, o aventureiro romântico e o sábio precavido. As ‘amazonas’ de Orellana, os titânicos ‘curriquerés’ de Guillaume de l’Isle, e a ‘Manoa del Dorado’, de Walter Raleigh, formando no passado um tão deslumbrante ciclo quase mitológico, acolchetam-se em nossos dias às mais imaginosas hipóteses da ciência.⁴

Águas, fauna, povos e flora entrelaçam-se na determinação do espaço amazônico, preconcebido desde muito antes como *locus mágico*. Difícil não se deixar impressionar por uma geografia povoada por estranhezas e fabulações de toda espécie. As palavras de Hartt, esse naturalista do século XIX, corroboram a idéia de que as investigações empreendidas no desvelamento do espaço amazônico se vêm, quase sempre, enredadas nas tramas do sensacional e do maravilhoso enquanto dimensões primordiais da história das sociedades amazônicas e de sua natureza insólita. Nessa linha de raciocínio, uma discussão sobre a

³ Francisco Foot Hardman. Antigos Modernistas. In.: Adauto Novaes (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 289.

⁴ Frederico Hartt. Apud. *Paraíso Perdido*, p. 27

Amazônia e suas coisas é sempre um convite à confrontação de suas “maravilhas”⁵ com a realidade observada. Porém, qual a origem dessa e outras premissas? De onde provém o entrelaçamento entre suas dimensões imaginárias e a realidade vivida, propriamente dita? Em última instância, como a Amazônia mítica funda a Amazônia histórica e vice-versa? Qual a matriz das imagens e representações fantásticas, insólitas que se construiu e ainda se constrói sobre o espaço amazônico?

Neide Gondim, em *A Invenção da Amazônia*, afirma que a mesma

[...] não foi descoberta, sequer foi construída; sua invenção se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes [...] inclui-se, ainda, a mitologia indiana que, a par de uma natureza variada delicia e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se as monstruosidades animais e corporais, incluídas tão-somente enquanto oposição ao homem considerado como adamita normal e habitante de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas.⁶

Cabe lembrar que a Índia,⁷ como genericamente se nomeava o Extremo Oriente, era o refúgio de inomináveis e infinitas maravilhas. O fascínio que ela exercia no imaginário europeu vinha de muito antes. Os gregos, na Antigüidade, já tinham declarado ser ela o melhor país do mundo, berço das maiores riquezas, e ao mesmo tempo mãe dos monstros mais terríveis.⁸ Os escritos de Heródoto popularizaram essa imagem do Extremo Oriente. Segundo ele, a Índia era a primeira terra habitada nesses confins. Mais além só havia um deserto de areia, povoado por formigas gigantes, guardiãs dos tesouros de ouro. Enfatizava

⁵ A propósito, lembramos a definição dada por Michel Mollat sobre o maravilhoso. Segundo ele, a palavra ‘*maravillas*’ (*mirabilia*) (...) *Etimológicamente, designa lo que asombra, y su significado se extiende desde lo que es insólito hasta lo que parece extraño, e incluso lo que es contrario a la naturaleza. La noción de lo maravilloso se aplica, pues, a los aspectos contrarios de la belleza y del horror. Reúne también los conceptos de exotismo y de fantástico, e incluye los fenómenos de inversión moral y social, comprendiendo la perversión. Las maravillas pueden ser, entonces, admirables o chocantes y, de manera excepcional, alcanzar lo sublime o ser rechazadas a la exclusión: ángel o demonio.* In: Michel Mollat. *Los Exploradores del siglo XIII al XVI: primeras miradas sobre nuevos mundos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990; p. 101.

⁶ Neide Gondim. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994, p.9.

⁷ Denominação dada pela Europa, durante a Idade Média, aos países do Sudoeste, Sul e do Leste do Continente Asiático.

⁸ Juan Gil. De los mitos de las Indias. In: BERNAND, Carmen (Comp.). *Descubrimiento, Conquista y Colonización de América a quinientos años*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. p. 266.

a idéia de que aos confins da terra - no Oriente, a Índia, e no "Mediodía", a Arábia - foram reservados os bens melhores, sendo que a primeira reunia a maior das faunas e a mais bela de todas as floras. Essas observações, somadas aos relatos de outros viajantes, religiosos, peregrinos e conquistadores, consagram a Índia como terra de paradoxos e prodígios. Seus tesouros incontáveis, sua flora e fauna extraordinárias e a multiplicidade de povos com línguas e costumes diversos, espalhados por diferentes reinos, inquietam uma Europa feudal, aprisionada às imposições de um cristianismo envelhecido. Nessas terras, os homens do Ocidente projetaram seus sonhos, desejos e medos.

Na baixa Idade Média, conhecer e explorar as províncias orientais transformou-se em uma obsessão européia, graças, dentre outras razões, à difusão de uma crescente literatura geográfica sobre essas terras, povoadas por gente e coisas fantásticas. As viagens de cunho político-religioso e econômico, a exemplo da de Marco Pólo no século XIII, recuperaram e difundiram uma série de mitos sobre o Oriente. A partir de então, reacende no imaginário europeu o desejo de conhecer e conquistar os asiáticos, muito em particular, os reinos legendários de Preste João, Catay e Cipango, para lembrar os mais comentados.

A crença no fantástico, o desejo de converter o outro em cristão e as adversidades vivenciadas pelos europeus nos finais da Idade Média, tais como a fome e a peste, mobilizaram centenas de pessoas rumo aos territórios asiáticos. Abrem caminhos rumo à descoberta de novas terras, sobretudo a partir do século XV, com as grandes navegações pelo Atlântico.

As viagens empreendidas por Colombo foram, dentre várias outras, as que deram maior visibilidade à re-invenção de inúmeros mitos acerca da existência de terras fantásticas para além do espaço europeu. Segundo Fernando Ainsa,

Colón es, pues, el símbolo paradigmático de la 'utopía geográfica', el expedicionario que **inventa** una América 'dorada' y paradisíaca al mismo tiempo que la **descubre**, objetivando en su territorio los mitos del imaginario colectivo clásico y medieval: el Edén, el Jardín de las Hespérides, la Edad de Oro recuperada, los restos de una Atlántida que brota de las aguas al conjuro del ars inveniendi del que parece investido y desterrando para siempre el temor al mare coagulatum que espantó durante siglos a los más intrépidos navegantes. (...) Así, la invención de América pasa rápidamente a ser patrimonio del 'imaginario social' de la época. Las expediciones se multiplican, las leyendas o simples creencias se

repiten y motivan las emigraciones masivas y las conquistas de las grandes potencias rivalizando entre si.⁹

Os relatos colombinos, a exemplo de outros, expressam o ideário e a ambição européia sobre terras jamais vistas até então pelos ocidentais. Convencido de ter chegado às Índias e não a América, como ficou posteriormente demonstrado, Colombo procura identificar nessas novas paragens os signos capazes de sustentar os argumentos e as projeções que avalizaram o seu empreendimento pela Coroa Espanhola. Colombo que, no dizer de alguns dos seus estudiosos, não sabia olhar, inventa uma América paradisíaca e fantástica para situar os sonhos renascentistas. Advogando a certeza de ter encontrado não somente o Paraíso Terreal, mas também a almejada Ofir de Salomão, desencadeia com as suas expedições o alargamento das fronteiras do então chamado Novo Mundo. Sua mente guerreira e expansionista marca o início daquilo que posteriormente foi se afirmando como conquista de um espaço distante e desconhecido dos europeus. Intensifica-se, a partir da chegada de Colombo às Antilhas, um ciclo de aventuras, conquistas, mortes, descobertas e revelações, do qual a Amazônia é um dos desdobramentos.

A Amazônia - cartografada como a terra das mulheres brancas, altas e guerreiras, guardiãs de tesouros fabulosos - é parte dos mundos e seres imaginados pelos europeus em suas construções face esse *mundo novo*. Originou-se da combinação entre fantasias, projeções e ações concretas de inúmeros conquistadores que se seguiram a Colombo na invenção e descoberta das terras americanas. A crença na existência do *El Dorado*, no Reino das Amazonas e no Paraíso Terreal alimentou no passado, e ainda no presente, a conquista e a ocupação dessa região, compreendida pelas terras do norte do Brasil e, também, por parte dos territórios da Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, antigas Guianas e Venezuela.

⁹ Fernando Ainsa. **Invención de la Utopía y Desconstrucción de la Realidad**. In: Leopoldo Zea (compilador). *Sentido y Proyección de la Conquista*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 19-20.

A Amazônia, como parte de uma América travestida de Índias, emerge para a história como uma idealização do pensamento ocidental muito antes do seu descobrimento físico e cultural. Nasce da procura desenfreada do País das Canelas e do Eldorado pelos conquistadores espanhóis já nos primeiros tempos da conquista. Não seria demais afirmar que antes de ser uma realidade "geográfica, militar e econômica", foi para conquistadores, evangelizadores e cientistas uma construção imaginária e simbólica. O maravilhoso foi e continua sendo um componente importante no enredo de sua história; são muitos os que se dirigem para o seu interior movidos pelo sonho mítico da abundância, da riqueza e da liberdade. Essa dimensão constitutiva da Amazônia está por merecer maiores investigações e debates. A compreensão desse imbricamento entre mito, utopia e história, além de sugestiva na perspectiva analítica, poderá fornecer-nos respostas para muitas das questões presentes na Amazônia contemporânea, muito em particular sobre os movimentos migratórios para vários pontos do seu território em épocas recentes. Como bem lembrou Giulia Lanciani,

[...] a percepção do novo pode manifestar-se também através de uma revisitação do antigo que, enxertado em húmus diverso, se constitui em representações inéditas que ajudam a penetrar os enigmas do mundo, transformando-se em instrumentos de conhecimento dentro de um horizonte de significação.¹⁰

¹⁰ Giulia Lanciani. **O Maravilhoso como Critério de Diferenciação entre Sistemas Culturais**. In: *América e Américas*. Revista Brasileira de História . São Paulo: ANPHU/Marco Zero. v. 11, n. 21, set/90-fev./91, p.26.

Bibliografia

AINSA, Fernando. Invención de la Utopía y Desconstrucción de la Realidad. In: ZEA, Leopoldo (Comp.). *Sentido y Proyección de la Conquista*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CUNHA, Euclídes da. *Um Paraíso Perdido – ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

GIL, Juan. De los Mitos de las Indias. In: BERNAND, Carmen (Comp.). *Descubrimiento, Conquista y Colonización de América a quinientos años*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

LANCIANI, Giulia. O Maravilhoso como Critério de Diferenciação entre Sistemas Culturais. In: *América e Américas*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPHU/Marco Zero. v. 11, n. 21, set/90-fev./91.

LEONARD, Irving A - *Viajeros por la América Latina Colonial*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MOLLAT, Michel. *Los Exploradores del Siglo XIII al XVI – primeras miradas sobre nuevos mundos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

SILVEIRA, Sirlei. Em Busca do País do Ouro: Sonhos e Itinerários. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. PUC-SP, 2003.

ZEA, Leopoldo (compilador). *El Descubrimiento de América e su Sentido Actual*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. *Sentido y Proyección de la Conquista*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.